

QUANDO O CINEMA PENSA: A POTÊNCIA FILOSÓFICA DAS IMAGENS NO ENSINO E NA REFLEXÃO FILOSÓFICA SEGUNDO JULIO CABRERA

WHEN CINEMA THINKS: THE PHILOSOPHICAL POWER OF IMAGES IN TEACHING AND PHILOSOPHICAL REFLECTION ACCORDING TO JULIO CABRERA

Alexandre Barbosa da Silva¹
Flávio de Carvalho²

Resumo:

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que analisa a proposta de Julio Cabrera acerca do cinema como forma de pensamento, discutindo suas implicações filosóficas, éticas e pedagógicas. A partir da obra: O cinema pensa, busca-se compreender de que modo o cinema pode ser reconhecido como uma linguagem capaz de produzir e expressar pensamento filosófico. O estudo evidencia que o cinema não se limita a ilustrar conceitos já formulados pela filosofia tradicional, mas constitui um modo autônomo de elaboração conceitual, no qual as imagens e sons operam como mediadores de ideias, afetos e reflexões sobre a condição humana. Essa perspectiva rompe com a exclusividade da escrita como meio de expressão filosófica e propõe uma ampliação da filosofia em direção à totalidade da cultura, articulando razão e sensibilidade, conceito e experiência estética. No campo educacional, o cinema é compreendido como instrumento formativo que pode favorecer a reflexão crítica e a autonomia intelectual das/os estudantes, aproximando o pensar filosófico da vida cotidiana. Assim, a proposta cabreriana amplia os horizontes da filosofia contemporânea e revela o cinema como uma potente linguagem de pensamento, capaz de unir arte e reflexão, e a partir dessa perspectiva pode-se promover novas formas de ensinar, aprender e experimentar o ato de filosofar.

Palavras-chave: filosofia. cinema. ensino de filosofia

Abstract:

This article is a bibliographical study that analyzes Julio Cabrera's proposal regarding cinema as a form of thought, discussing its philosophical, ethical, and pedagogical implications. Based on the work: Cinema Thinks, it seeks to understand how cinema can be recognized as a language capable of producing and expressing philosophical thought. The study shows that cinema is not limited to illustrating concepts already formulated by traditional philosophy, but constitutes an autonomous mode of conceptual elaboration, in which images and sounds operate as mediators of ideas, affects, and reflections on the human condition. This perspective breaks with the exclusivity of writing as a means of philosophical expression and proposes an expansion of philosophy towards the totality of culture, articulating reason and sensibility, concept and aesthetic experience. In the educational field, cinema is understood as a formative instrument that can favor critical reflection and the intellectual autonomy of students, bringing philosophical thinking closer to everyday life. Thus, Cabrer's proposal broadens the horizons of contemporary philosophy and reveals cinema as a powerful language of thought, capable of uniting art and reflection, and from this perspective, new ways of teaching, learning, and experiencing the act of philosophizing can be promoted.

Keywords: philosophy. cinema. philosophy education

¹ Mestrando em Filosofia (PROF-FILO/UFCG). Atua como professor de Filosofia na rede estadual da Paraíba na ECIT Eng. Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho. E-mail: alexandre.geomat@gmail.com, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7622281594277114>

² Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande e do PPG PROF-FILO. Campina Grande – PB – Brasil. Email: flavio.carvalho@ufcg.edu.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1219291457473728>

Introdução

A filosofia, quando manifesta seu interesse pela busca da verdade, não deveria apoiar a indagação acerca de si mesma apenas em sua própria tradição, como marco único de auto elucidação, mas inserir-se na totalidade da cultura. Essa perspectiva, defendida por Julio Cabrera, sugere que o cinema inaugura uma nova possibilidade de pensar filosoficamente, expandindo o campo tradicional da filosofia e rompendo com a hegemonia do discurso racional-escrito como único meio legítimo de expressão do pensamento.

A proposta cabreriana parte da constatação de que a filosofia, ao longo de sua história, desenvolveu-se essencialmente na forma literária, como um gênero textual que expressa ideias e reflexões por meio da escrita. Entretanto, o surgimento do cinema introduz uma forma diferente de elaboração conceitual, que não se apoia na palavra, mas na imagem em movimento. A imagem cinematográfica não apenas ilustra conceitos previamente formulados, ela os produz, os desloca e os reinventa. Para Cabrera, o cinema não representa o pensamento, mas pensa, instaurando uma nova modalidade de filosofia que emerge da própria experiência sensível e estética.

Nesse sentido, o autor propõe uma ampliação em relação a tradição filosófica que limita o ato de pensar ao logos, à linguagem verbal e à lógica argumentativa. A imagem em movimento, com sua capacidade de articular tempo, espaço e emoção, torna-se capaz de gerar conceitos e questionamentos tão profundos quanto aqueles elaborados pela escrita. Assim, o cinema se configura como um modo adequado de pensar sobre a existência, a moral, a liberdade e a condição humana. Esse filosofar do cinema, longe de ser uma simples aplicação de teorias filosóficas a obras audiovisuais, constitui um modo de pensar autônomo, dotado de sua própria lógica e de seus próprios instrumentos expressivos.

Julio Cabrera enfatiza que pensar filosoficamente com o cinema implica reconhecer nele um tipo de racionalidade sensível, capaz de unir o sentir e o compreender. O cinema, ao lidar com personagens, situações e afetos, proporciona uma experiência que ultrapassa a abstração conceitual e se realiza na concretude das imagens. Essa fusão entre o emocional e o intelectual revela que o pensamento não é apenas uma operação racional, mas também uma vivência estética e existencial. A obra cinematográfica, portanto, não se limita a dizer algo sobre o mundo, ela mostra o mundo, tornando o visível um meio de pensamento e não apenas de contemplação.

Outro ponto fundamental na filosofia de Cabrera é a crítica à separação entre forma e conteúdo no conhecimento. Enquanto a filosofia tradicional tende a privilegiar o conteúdo conceitual em detrimento da forma expressiva, o cinema demonstra que a forma é também pensamento. O enquadramento, o corte, o movimento de câmera e o ritmo narrativo são escolhas que carregam sentido filosófico, pois manifestam como o mundo é percebido e interpretado. Dessa forma, o cinema permite compreender que todo pensamento está enraizado em uma sensibilidade, e que toda abstração depende, em última instância, de uma experiência estética que a sustenta.

Ao propor que o cinema possa pensar, Cabrera não apenas amplia os limites da filosofia, mas também redefine o próprio conceito de filosofia. O filósofo questiona o exclusivismo da escrita e defende uma abertura da reflexão filosófica às diversas linguagens da cultura. Assim, o cinema se torna um campo fértil para a produção de ideias, uma forma de pensamento que emerge das imagens, das

emoções e da temporalidade, contribuindo para a visibilidade de um modo de fazer filosofia mais plural e enraizada na experiência humana. Essa perspectiva revela o potencial do cinema não apenas como arte, mas como máquina conceitual, capaz de transformar a própria maneira de pensar, sentir e, direcionada para o âmbito da educação, contribuir para o ensinar filosofia.

A partir dessa base, este artigo propõe analisar a potência filosófica do cinema sob a ótica de Julio Cabrera, investigando como suas ideias podem contribuir para o ensino e para a reflexão filosófica contemporânea. Busca-se compreender de que modo o cinema pode ser compreendido como uma linguagem que pensa, produzindo conceitos e promovendo experiências que mobilizam razão e sensibilidade. Ao final, pretende-se discutir como essa abordagem pode enriquecer a prática pedagógica no ensino de filosofia, aproximando as/os estudantes do pensamento vivo e concreto que habita as imagens em movimento.

O cinema que pensa: fundamentos da proposta cabreriana

Julio Cabrera propõe, em *O cinema pensa (2006)*, uma abordagem inovadora da relação entre filosofia e cinema, rompendo com a leitura tradicional que reduz os filmes a simples recursos ilustrativos de teorias já formuladas. Para o autor, o cinema não deve ser tratado como um objeto externo à filosofia, mas como um modo de pensamento autônomo, dotado de linguagem, estrutura e sensibilidade próprias. Essa concepção amplia a ideia de reflexão filosófica, sugerindo que pensar não é privilégio do discurso conceitual, mas pode também ocorrer através das imagens em movimento.

A proposta de Cabrera parte de uma distinção fundamental entre a filosofia do cinema e a filosofia através do cinema. A primeira busca analisar o cinema a partir de categorias filosóficas prévias e externas ao próprio cinema; a segunda reconhece o próprio cinema como produtor de reflexão filosófica. Nesse sentido, Cabrera argumenta que o pensamento cinematográfico emerge da experiência sensível e estética proporcionada pelas imagens, sons e movimentos, instaurando um tipo de pensamento não conceitual, mas igualmente rigoroso e transformador.

A filosofia, ao dialogar com o cinema, nos convida a repensar as categorias filosóficas e os modos de fazer filosofia, deslocando-nos de seu lugar tradicional e contribuindo para o reconhecimento de formas sensíveis de expressão como uma via legítima de produção de saber. Esse deslocamento implica compreender que o cinema não apenas comunica ideias, mas as produz, constituindo um espaço em que o pensamento se manifesta de maneira própria. Nessa perspectiva, o cinema é uma forma de experimentar o mundo, e não apenas de representá-lo.

Cabrera destaca que essa relação exige uma redefinição do próprio conceito de filosofia. Para ele, o surgimento do cinema não representa apenas o aparecimento de uma nova arte, mas um evento capaz de transformar a maneira como a filosofia se compreende e se realiza. Como afirma o autor:

A filosofia não deveria ser considerada algo perfeitamente definido antes do surgimento do cinema, mas sim algo que poderia modificar-se com esse surgimento. Neste sentido, a filosofia, quando manifesta seu interesse pela busca da verdade, não deveria apoiar a indagação acerca de si mesma apenas em sua própria tradição, como marco único de auto elucidação, mas inserir-se na totalidade da cultura (Cabrera, 2006, p. 15).

Essa passagem expressa com clareza o núcleo de sua proposta: a filosofia não é uma atividade estática nem exclusiva do texto escrito, mas um movimento cultural aberto, que deve reconhecer o cinema como parte integrante de seu campo de pensamento. Cabrera questiona o fato de que a tradição filosófica se estruturou, quase integralmente, sobre a forma literária, sem refletir criticamente sobre esse formato:

É um fato que a filosofia se desenvolveu, ao longo de sua história, na forma literária e não, por exemplo, através de imagens. Poderíamos considerar a filosofia, entre outras coisas, um gênero literário, uma forma de escrita. Assim, as ideias filosóficas foram expressas de forma literária naturalmente, sem maior autorreflexão (Cabrera, 2006, p. 17).

Com isso, o autor sugere que a associação entre filosofia e escrita é histórica e contingente, e não construtiva e exclusiva. A escrita tornou-se o meio dominante de expressão filosófica por razões culturais, e não por necessidade intrínseca do pensar. Cabrera convida o leitor a imaginar outros modos de produção filosófica:

Poderíamos imaginar, em um mundo possível, uma cultura filosófica desenvolvida integralmente por fotografias ou dança, por exemplo. Nessa cultura possível, talvez as formas escritas de expressão fossem consideradas meramente estéticas ou meios de diversão (Cabrera, 2006, p. 17).

A provocação é profunda: se a filosofia tivesse nascido em outra linguagem, como a visual ou a corporal, talvez fosse a escrita a ocupar o papel secundário que hoje é atribuído à imagem. Assim, Cabrera revela o caráter histórico e restritivo da racionalidade ocidental, baseada quase exclusivamente no discurso lógico-verbal. Ao introduzir o cinema nesse horizonte, ele defende que essa arte amplia os limites da filosofia, oferecendo novas possibilidades para pensar o real, o tempo e a experiência humana.

Nesse sentido, o autor reconhece que o cinema pode expressar, com mais intensidade, certas intuições que escapam à linguagem conceitual. As imagens cinematográficas, ao conjugar emoção, ritmo e movimento, permitem que aspectos da realidade sejam apreendidos, como os elementos afetivos e existenciais. Como observa Cabrera:

Talvez o cinema nos apresente uma linguagem mais adequada do que a linguagem escrita para expressar melhor as intuições que os mencionados filósofos (Schopenhauer, Nietzsche, Kierkegaard, Heidegger) tiveram a respeito dos limites de uma racionalidade unicamente lógica e a respeito da apreensão de certos aspectos do mundo que não parecem ser captados por uma total exclusão do elemento afetivo (Cabrera, 2006, p. 18).

A partir dessa perspectiva, o cinema não apenas complementa a filosofia, mas reconfigura seu alcance, ao permitir a incorporação da afetividade, da ambiguidade e da experiência estética no ato de pensar. O pensamento cinematográfico, portanto, não se reduz à racionalidade discursiva; ele é uma forma sensível de reflexão que une o sentir e o compreender, o ver e o pensar.

Desse modo, Cabrera transforma o cinema em um espaço de elaboração filosófica que ultrapassa a mera representação, ou seja, o cinema não se limita a fazer um retrato estático da realidade. As imagens tornam-se lugares de questionamento e experiência, nos quais o espectador é convidado a pensar junto com o filme, participando ativamente do processo reflexivo. O cinema, nesse

sentido, não é um espelho da filosofia, mas um modo de filosofar, uma forma viva e sensível de pensamento que amplia o horizonte da própria razão.

O pensamento cinematográfico e suas manifestações

A concepção cabreriana de cinema como forma de pensamento amplia a visão tradicional de que a filosofia só pode ocorrer por meio da linguagem escrita e discursiva. Cabrera propõe que o cinema seja reconhecido como um modo legítimo de reflexão filosófica, capaz de formular, tensionar e reconfigurar problemas do pensamento sem recorrer necessariamente à argumentação textual. O cinema, portanto, não seria apenas uma ilustração de conceitos filosóficos, mas um espaço de produção autônoma de pensamento, no qual as imagens constituem-se como operadores conceituais.

Para o autor, pensar cinematograficamente é pensar por meio da forma, é permitir que o enquadramento, o ritmo, o silêncio e o movimento das imagens participem ativamente da constituição do sentido. Assim, o cinema não traduz a filosofia, mas pensa filosoficamente quando cria modos singulares de ver e compreender o mundo. Entretanto, Cabrera alerta que:

É claro que simplesmente ver o filme, como recomendava Fellini a seus críticos mais intelectuais, não é, per se, fazer filosofia, nem configura nenhum tipo de saber: trata-se somente de uma experiência estética ou social. Para fazer filosofia com o filme, precisamos interagir com seus elementos lógicos, entender que há uma ideia ou um conceito a ser transmitido pela imagem em movimento (Cabrera, 2006, p. 22).

Essa observação é essencial, pois delimita a diferença entre uma mera recepção estética e uma atitude verdadeiramente filosófica diante da obra cinematográfica. A partir dessa perspectiva, o cinema torna-se um meio de potencialização do pensamento filosófico, ampliando suas possibilidades expressivas e cognitivas.

O que o cinema proporciona é uma espécie de “superpotencialização” das possibilidades conceituais da literatura ao conseguir intensificar de forma colossal a “impressão de realidade” e, portanto, a instauração da experiência indispensável ao desenvolvimento do conceito, com o consequente aumento do impacto emocional que o caracteriza (Cabrera, 2006, p. 68).

Desse modo, a imagem em movimento não apenas reproduz o real, mas produz pensamento, operando como instrumento filosófico sensível e afetivo. O autor também reconhece que “a universalidade do cinema é de um tipo peculiar, pertence à ordem da Possibilidade e não da Necessidade” (Cabrera, 2006, p. 23), o que significa que o cinema não impõe conceitos de modo determinante, mas abre campos de significação e reflexão. Sua universalidade é experiencial, não dogmática, é o convite à filosofia por meio da sensibilidade.

Por isso, “o poder reprodutivo e produtivo da imagem em movimento marca o caráter emergente do cinema e também o distingue, algo só possível graças à fotografia em movimento” (Cabrera, 2006, p. 29). O cinema inaugura, portanto, uma nova forma de filosofar: ele não apenas reflete o mundo, mas o recria conceitualmente.

O cinema, ao colocar o espectador diante de dilemas morais, existenciais e epistemológicos, não apenas provoca a emoção, mas ativa a reflexão filosófica em

sua dimensão estética e afetiva. Em Cabrera, o pensamento cinematográfico manifesta-se nas estruturas narrativas, nas atmosferas visuais e nos conflitos éticos que os filmes encenam. O cinema pensa ao tensionar a razão e o afeto, a representação e a experiência, o visível e o invisível. Ele é, portanto, uma linguagem filosófica contemporânea, capaz de ampliar os horizontes da reflexão e reinventar o próprio modo de ensinar e produzir filosofia.

O cinema como forma de pensamento e suas implicações pedagógicas

A compreensão do cinema como forma de pensamento abre caminhos significativos para a ampliação da atividade filosófica e didática no ensino de filosofia. Ao deslocar o foco exclusivo da leitura e interpretação de textos clássicos, a proposta de Julio Cabrera permite que a/o estudante vivencie a experiência filosófica por meio da linguagem audiovisual, experimentando conceitos e problemas de maneira sensível, reflexiva e existencial. Nesse contexto, o cinema atua como mediador entre o pensamento abstrato e a experiência concreta, possibilitando a/o aluna/o perceber a filosofia como uma prática viva, presente no cotidiano e nas imagens que atravessam sua realidade.

A concepção cabreriana sustenta que o cinema não se limita a ilustrar conteúdos filosóficos previamente estabelecidos, mas constitui um espaço autônomo de produção de pensamento. Essa perspectiva encontra ressonância nas reflexões de Moura (2021), ao defender que o cinema, quando inserido de forma crítica no ensino de filosofia, possibilita a transição de uma sala de aula tradicional para uma oficina de produção de conceitos. Segundo a autora, a experiência cinematográfica favorece a criação conceitual pelos próprios estudantes, que deixam de ser apenas receptores de conteúdos e passam a atuar como sujeitos do processo filosófico.

Essa abordagem pedagógica dialoga também com os estudos de Reina (2014), que analisa o uso do cinema no processo de ensino-aprendizagem da filosofia. Para o autor, o filme não deve ser compreendido como recurso complementar ou ilustrativo, mas como elemento estruturante da prática pedagógica, capaz de provocar problematizações filosóficas autênticas. O cinema, nesse sentido, estimula a reflexão crítica, o debate e a construção coletiva do conhecimento, ampliando as possibilidades metodológicas do ensino filosófico.

A compreensão do cinema como forma de pensamento também encontra respaldo no pensamento de Gilles Deleuze, especialmente nas obras *Cinema 1: a imagem-movimento* e *Cinema 2: a imagem-tempo*. Para Deleuze, o cinema não representa o real, mas pensa por meio das imagens, produzindo uma lógica sensível que se manifesta nas relações entre planos, cortes, movimentos e durações. Essa concepção reforça a ideia de que o pensamento filosófico pode emergir da própria estrutura audiovisual, independentemente da linguagem verbal.

As contribuições de Deleuze ampliam a dimensão pedagógica do cinema ao propor uma educação do olhar, na qual o estudante é convidado a refletir sobre o tempo, a memória, a consciência e o movimento do pensamento. Trabalhar com a noção de imagem-tempo, por exemplo, permite que o/a aluno/a experimente a filosofia como processo, e não apenas como conteúdo, aproximando-se da proposta de Moura ao conceber o ensino como espaço de criação conceitual.

Do ponto de vista pedagógico, essa abordagem favorece uma didática mais dialógica e experiencial. A análise filosófica de filmes estimula o desenvolvimento

da interpretação, da argumentação e da problematização, rompendo com a postura passiva do espectador. A/o professora/or assume o papel de mediadora/or, orientando o olhar filosófico do/a estudante e incentivando a leitura crítica das imagens, conforme defendem Reina e Moura em suas pesquisas.

Além disso, o cinema contribui significativamente para a ampliação da dimensão ética da formação filosófica, ao expor o sujeito a conflitos morais, dilemas existenciais e realidades diversas. Essa experiência estética mobiliza afetos e reflexão racional simultaneamente, favorecendo a construção de uma consciência crítica, sensível e empática. Pensar filosoficamente, nesse contexto, envolve não apenas o raciocínio lógico, mas também o sentir, o imaginar e o transformar-se.

Por fim, a inserção do cinema no ensino de filosofia potencializa o diálogo interdisciplinar, articulando arte, sociologia, literatura e filosofia. Essa abertura amplia o horizonte formativo do estudante, permitindo reconhecer o cinema como linguagem portadora de sentido e o pensamento filosófico como prática que pode se manifestar em múltiplas formas. Assim, um ensino de filosofia inspirado em Cabrera, enriquecido pelas contribuições de Deleuze e fundamentado nas reflexões pedagógicas de Moura e Reina, ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se configura como uma prática emancipadora, estética e conceitualmente significativa.

A estética do pensamento: cinema, experiência e criação filosófica

A proposta cabreriana de compreender o cinema como forma de pensamento convida a repensar o estatuto da própria filosofia enquanto prática criadora. Ao reconhecer o poder expressivo das imagens, Julio Cabrera rompe com a concepção da filosofia como mero discurso racional sobre o mundo, defendendo que ela pode manifestar-se também como experiência estética. Nesse sentido, o ato de filosofar não se reduz à análise lógica ou conceitual, mas se constitui como um gesto de invenção e experimentação, no qual o pensamento se faz sensível, imagético e afetivo.

Essa compreensão encontra ressonância nas reflexões de Moura (2021), ao afirmar que o cinema, quando incorporado de maneira crítica à prática filosófica, possibilita a criação de conceitos a partir da experiência. Para a autora, a vivência estética proporcionada pelo cinema desloca a filosofia do campo exclusivamente abstrato para um espaço de experimentação, no qual pensar significa também sentir, imaginar e criar. Assim, o pensamento filosófico deixa de ser apenas interpretativo e passa a assumir um caráter produtivo, em diálogo direto com a experiência sensível.

A estética do pensamento cinematográfico evidencia, nesse sentido, que toda criação filosófica envolve uma dimensão artística. O cinema, ao articular tempo, movimento, som e imagem, transforma a reflexão em experiência, fazendo do pensamento um processo vivido. A montagem, a luz e o ritmo não se configuram apenas como recursos técnicos, mas como operadores conceituais que estruturam modos de compreender e significar o mundo. Conforme destaca Reina (2014), o cinema mobiliza uma forma de pensamento que se constrói na relação entre emoção e reflexão, permitindo que o sujeito experimente problemas filosóficos antes mesmo de formulá-los conceitualmente.

Nessa perspectiva, o cinema não apenas comunica ideias, mas produz um tipo de pensamento que nasce do impacto estético e da experiência existencial. Cabrera evidencia que, ao assistir a um filme, o espectador não permanece em

posição neutra: ele é afetado, atravessado pelas imagens, e esse atravessamento constitui um modo legítimo de pensar filosoficamente. Moura (2021) reforça essa ideia ao defender que a experiência cinematográfica cria condições para uma filosofia viva, na qual os conceitos emergem da relação entre sujeito, imagem e mundo.

A filosofia que se estabelece nessa relação com o cinema assume, portanto, um caráter mais aberto e plural. Em vez de buscar verdades universais e definitivas, ela se orienta para a multiplicidade das experiências humanas, valorizando os afetos, os conflitos e as contradições da existência. Reina (2014) destaca que essa dimensão experiencial do cinema favorece uma filosofia comprometida com a realidade vivida, aproximando o pensamento filosófico das questões concretas que atravessam a vida dos sujeitos.

Além disso, a estética do pensamento cinematográfico contribui para revalorizar o papel da imaginação na filosofia. O cinema estimula a criação de mundos possíveis e revela que o pensamento emerge da tensão entre o real e o imaginado. Essa tensão, conforme apontam Cabrera e Moura, é constitutiva do próprio ato de filosofar, fazendo do pensamento uma experiência de criação contínua. O cinema, assim, não se limita a refletir o mundo, mas atua como ferramenta de transformação, ao ensinar a pensar, sentir e existir de outras maneiras.

Dessa forma, a estética cabreriana do pensamento cinematográfico provoca a redefinição da própria natureza da filosofia. Em vez de uma disciplina restrita à escrita e à argumentação formal, a filosofia passa a ser compreendida como prática criadora, aberta às linguagens da arte e à experiência sensível. À luz das contribuições de Moura e Reina, o cinema consolida-se como um espaço legítimo de produção do pensamento filosófico, no qual estética e reflexão se entrelaçam, ampliando as possibilidades de compreender a filosofia, a arte e a própria condição humana.

Considerações finais

A reflexão desenvolvida por Julio Cabrera acerca do cinema como forma de pensamento representa uma inflexão profunda na história da filosofia e na compreensão do próprio ato de filosofar. Ao reconhecer a potência filosófica das imagens, Cabrera desloca a filosofia de seu lugar tradicional, centrado na escrita e na argumentação lógica, e a insere em um território mais amplo, em que a sensibilidade, o afeto e a estética tornam-se também meios legítimos de elaboração conceitual. O cinema, nesse contexto, surge como uma nova linguagem do pensamento, capaz de expressar o impensado e de articular, por meio do visível, questões que ultrapassam os limites da racionalidade discursiva.

Essa proposta não implica a substituição da filosofia pela arte, mas sim o reconhecimento de que o cinema pode pensar, pode criar conceitos e provocar o exercício filosófico em outro nível de experiência. Quando Cabrera afirma que o cinema possui a capacidade de gerar pensamento, ele está reivindicando o valor filosófico da experiência estética e a possibilidade de a imagem participar da produção do conhecimento. O cinema, assim, não apenas representa ideias filosóficas, mas as produz e transforma, operando como um campo de experimentação conceitual em movimento.

No âmbito do ensino, essa compreensão inaugura novas perspectivas didáticas, éticas e formativas. O uso do cinema nas aulas de filosofia amplia a

perspectiva de um ensino meramente teórico e transmissivo, favorecendo uma pedagogia ativa, crítica e sensível, na qual a/o estudante participa do processo de construção do saber. A análise fílmica, quando orientada filosoficamente, estimula a capacidade interpretativa, o pensamento autônomo e o diálogo entre emoção e razão. O cinema torna-se, assim, uma ferramenta pedagógica que não apenas ilustra conceitos, mas desperta o desejo de pensar.

Além de seu valor didático, a proposta cabreriana tem uma dimensão ética importante. Ao colocar o sujeito diante de dilemas morais e existenciais, o cinema possibilita uma reflexão sobre o humano que ultrapassa o domínio da abstração. Ele convida à empatia, à escuta e à autocrítica, valores essenciais à formação filosófica e à convivência democrática. O pensamento que se faz imagem, portanto, é também um pensamento que se faz responsabilidade e sensibilidade diante do outro.

Dessa forma, a filosofia e o cinema, ao se encontrarem, produzem uma fecundação mútua: o cinema adquire profundidade conceitual, e a filosofia redescobre sua vitalidade expressiva. Pensar com imagens é reconhecer que a razão não está dissociada da emoção, e que o conhecimento pode emergir da experiência sensível. O cinema, em sua capacidade de tocar, inquietar e transformar, mostra-se, segundo Cabrera, como uma nova via para o filosofar contemporâneo, uma via que convida a repensar o próprio significado de pensamento, ensino e existência.

Essa nova via proposta por Cabrera aponta para uma filosofia mais aberta à cultura, mais próxima da vida e das formas de expressão humana. O cinema, ao transitar entre o sensível e o conceitual, entre o real e o imaginário, revela-se como um território apropriado e importante para a experimentação filosófica. Nele, o pensamento deixa de ser apenas abstração e se converte em experiência, um movimento contínuo entre ver, sentir e compreender. Essa compreensão amplia os horizontes da própria filosofia, mostrando que o ato de pensar não é monopólio da razão discursiva, mas um gesto que também pode ser visual, afetivo e existencial.

Por fim, ao propor o cinema como movimento de pensamento, Cabrera contribui para redefinir o papel da filosofia na contemporaneidade. Em tempos marcados pela fragmentação, pela velocidade das imagens e pela crise do discurso racional, sua proposta convida a recuperar o sentido criador e transformador do pensamento. O cinema, nesse contexto, não é apenas um espelho da realidade, mas um modo de reinventá-la, uma forma de pensar o mundo com imagens, e de pensar as imagens como construção de mundos possíveis mundo. É nesse encontro entre filosofia e cinema que se delineia uma nova ética do olhar e uma nova pedagogia do pensar, ambas voltadas à emancipação, à sensibilidade e à invenção de sentidos.

Referências

- ALMEIDA, Rogério de. **Cinema e educação: fundamentos e perspectivas**. Educação em revista, v. 33, p. e153836, 2017.
- ALVES, Francisco Fabrício da Cunha. **A visão imagético-pensante de Deleuze: o cinema como ferramenta no ensino de filosofia**. 2024. Tese de Doutorado.
- CABRERA, Júlio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Trad. de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Editora 34, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: a imagem-tempo**. São Paulo: Editora 34, 2005.

FREIRE, C. **O ensino da filosofia com cinema: caminhos para a emancipação**. 2018. Tese de Doutorado. Dissertação. CEFET-RJ.

FREIRE, Carolina Romanazzi; MARCOS, Brunno Amancio. **Podemos pensar filosoficamente pelo Cinema?**. Revista Contraponto, [S. l.], v. 8, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/112220>. Acesso em: 1 nov. 2025.

JARAVA, Pedro. **Filosofia e Cinema: A imagem e o pensamento Os conceitos através dos filmes**. 2022. 88 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

MOURA, Francisca de Jesus. **O Cinema no Ensino de Filosofia da Sala de Aula Tradicional à Oficina de Produção de Conceitos**. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/642695?mode=full>. Acesso em: 10 dez. 2024.

REINA, Alessandro. **Filosofia e Cinema: o uso do filme no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia**. 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35789>. Acesso em: 15 dez. 2024.

Recebido em: 05/2026

Aprovado em: 08/2026